

# Antonio Gramsci, o homem filósofo: uma biografia intelectual

GIANNI FRESU

São Paulo: Boitempo, 2020. 424p.

Sabrina Areco\*

O livro de Fresu trata da biografia política de A. Gramsci (1891-1937) em três fases dispostas cronologicamente: *O jovem revolucionário*; *O dirigente político* e *O teórico*.

*O jovem revolucionário* tem como ponto de partida a Sardenha de Gramsci e a crise econômica vivida na ilha meridional no final do século XIX e início XX. A personalidade intelectual e política de Gramsci, salienta Fresu, foi constituída em meio a essa crise e ao espírito rebelde dos grupos subalternos rurais em resposta a suas condições de vida. A trajetória do marxista italiano desdobrou-se, assim, a partir da orientação assumida desde a experiência original na Sardenha: a posição militante e o vínculo político com as classes e os grupos dominados, acompanhados de um esforço precoce de formação intelectual. Tratava-se de um homem filósofo na acepção particular, na qual a filosofia (da práxis) era, indissociavelmente, teórica e prática.

A mudança para a Turim urbana e industrializada é abordada como outra experiência central para Gramsci e coincidiu com o encontro com o jornalismo profissional, convertido não apenas em seu meio de vida, mas também em recurso capaz de inseri-lo no “panorama do socialismo turinense” (p.60). Tal inserção ocorreu em um período de aceleração histórica ocasionado pela Primeira Guerra,

---

\* Professora da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul. E-mail: [sabrinaareco@gmail.com](mailto:sabrinaareco@gmail.com)

a Revolução Russa e a ascensão do fascismo. A revolução dos bolcheviques, o desenvolvimento do movimento comunista com a criação da III Internacional e as tentativas revolucionárias e de insurgências no Ocidente a partir de 1917 – como o movimento grevista e de ocupação de fábricas conhecido como Biênio Vermelho (1919-1920), no qual Gramsci tomou parte ativamente – foram lampejos de ânimo logo ofuscados pelo surgimento do fascismo. A tarefa mais imediata, assim, passou a ser compreender o fenômeno autoritário, suas origens e finalidades, do que dependia a correta resposta política dos militantes socialistas e comunistas.

No capítulo que encerra a primeira parte do livro, Fresu reconstrói a leitura de Gramsci sobre o fascismo em seus textos jornalísticos. O nacionalismo e o fascismo seriam expressão da fragilidade da burguesia italiana decorrente da dominação exercida sobre uma base social instável e limitada. Por consequência, em crises de hegemonia, essa classe tende a “buscar atalhos subversivos e autoritários” (p.105). Não seria suficiente, para Gramsci, apontar o fascismo apenas como movimento de reação ao bolchevismo ou às sublevações ocorridas no esteio da Primeira Guerra, mas dever-se-ia ter em conta a debilidade do liberalismo e a ausência de verdadeiros partidos no país. A formação e a configuração particular do Estado e do liberalismo italiano deveriam ser cotejadas, para Gramsci, com outras experiências históricas.

Disso deriva um aspecto central, indicado por Fresu, na produção de Gramsci: a recusa a qualquer tipo de abstração apriorística. Tratava-se, ao contrário, de acompanhar o movimento histórico concreto, construindo, a partir deste movimento, categorias e conceitos capazes de contribuir com a luta de classes. De forma complementar, a crítica ao conhecimento como mero acúmulo de saber e a reflexão posterior dos *Quaderni* acerca dos intelectuais convergem em uma concepção filosófica e política que nega a instrumentalização do conhecimento.

Em *O dirigente político*, segunda parte do livro, Fresu trata do período entre 1921-1926; são abordadas as disputas internas no PSI, no contexto de criação da nova organização comunista. Fresu enfatiza o papel central de Amadeo Bordiga. Com o partido instituído, sobressaem as disputas que envolvem a relação do mesmo com as massas e sindicatos em um contexto que se mostrava cada vez mais hostil aos militantes e tencionava a democracia liberal. Os acontecimentos italianos remeteram, assim, à questão das relações entre democracia e fascismo (p.154), também discutida no âmbito do Comintern e que foi sintetizada na fórmula de defesa de uma frente única contra o fascismo. A posição de Gramsci acompanhou a linha do Comintern e orientava-se pela anteriormente citada atenção à particularidade italiana e, por outro, articulava-se com a leitura atenta das condições colocadas internacionalmente e que exigiam um recuo na estratégia dos comunistas.

Fresu aproxima, então, Gramsci de Lênin, demonstrando como a identificação de duas esferas – o Ocidente capitalista e o Oriente colonial – proposta por Lênin antecipou formulações desenvolvidas nos *Quaderni*. A questão é importante e remete à discussão sobre o colonialismo, imperialismo e capitalismo. Destaca Fresu que a defesa da expansão colonial era parte constitutiva do discurso nacionalista

italiano do começo do século XX; ao mesmo tempo em que as lutas anticoloniais se fortaleciam em outras partes do mundo. Mais ainda: a chave *colonial* poderia ser mobilizada para se entender as relações do Norte com o Sul italiano (p.217), de maneira que o termo parece carregar uma dimensão heurística importante para se pensar diferentes formas de dominação e exploração e não apenas aquelas que tenham como fundamento o domínio territorial e a relação entre Estados.

Os *subalterns studies* e a perspectiva pós-colonial, considera Fresu, ao recorrerem à noção de subalternos/subalternidade como categoria sociológica, deveriam ficar atentos aos riscos de apagamento da história concreta de cada formação social (p.243). Trata-se de uma reflexão sobre encontrar o equilíbrio entre nacional/internacional, particular/universal e, de forma complementar, a discussão feita por Fresu remete ao “uso” de Gramsci capaz de articular a capacidade explicativa dos conceitos para tratar de contextos históricos diversos e a exigência de rigor filológico.

As *Teses do Congresso de Lyon* (1926) são tratadas como “ponto de chegada” da experiência turinense e militante e o “ponto de partida” das *Questões meridionais* (1926) e dos *Quaderni* (1929-1935). O tema central desta fase de transição seria a relação do partido e dos seus intelectuais com a massa, do que decorre a reflexão acerca da dinâmica de representação dos partidos com os estratos rurais. O assunto articula-se com a questão meridional e com o papel do Vaticano na história e política italiana. Na última parte do livro, *O teórico*, Fresu procura encadear as continuidades entre estes temas e o desenvolvimento que sofreram na produção dos *Quaderni*.

O principal aspecto a ser salientado na leitura dos *Quaderni* proposta por Fresu é que os escritos são tratados como uma reflexão acerca das derrotas sofridas pela esquerda e, mais particularmente, vividas pelo próprio Gramsci. A melancolia pode ter sua máxima expressão na formulação gramsciana de que “o velho morre e o novo não pode nascer”. Trata-se, assim, de assumir a vitória das forças antagonistas que traz consigo a crise da modernidade (p.287).

A ausência de rupturas no pensamento de Gramsci, defendida por Fresu, deriva tanto do seu esforço em valorizar a ligação de Gramsci com o *Mezzogiorno*, como da negação enfática das interpretações que indicam o abandono do autor das contribuições teóricas de Lênin e do marxismo revolucionário. Mas há, também, a negação da existência de um Gramsci militante e outro “teórico”. Do argumento de Fresu pode-se inferir que a grande ruptura seria entre o momento no qual o “otimismo da vontade” (expressão de Romain Rolland) foi superado por essa percepção das derrotas.

Por fim, cabe afirmar que, ao articular a vida e obra em uma biografia intelectual, Fresu pode conduzir uma análise do pensamento gramsciano sugerindo o impacto das experiências políticas e militantes em sua reflexão teórica. Da mesma forma a obra tem êxito em demonstrar que a elaboração de Gramsci alcançou força política concreta que incidiu na trajetória do PSI e, depois, entre os comunistas e no movimento antifascista.